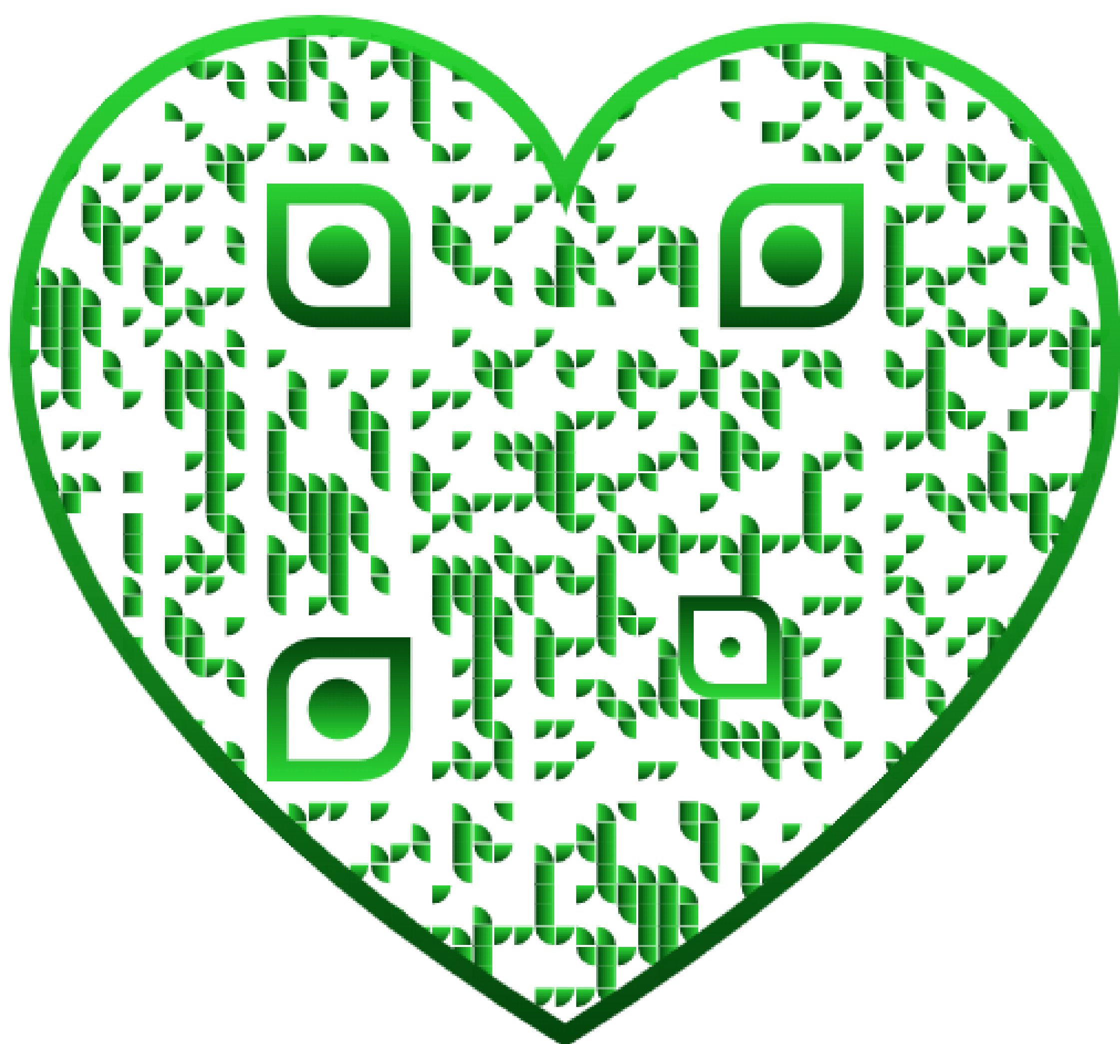
Secretos

O Início

Um Conto da Série Vampiros, Amores & Renúncias

Jandui Felipe



Um Conto da Série Vampiros, Amores & Renúncias

Secretos

O Início

Jandui Felipe

1º Edição

Todos os direitos reservados Copyright©2018

Avctoris – Registro de direitos autorais – 07/11/2018 às 14:59

Número de registro: 28f05027874c3f343e8ade41cef07d36e716ff4e8f711962d5b0b6372a2191f7

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Nenhuma parte dessa publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da autora.

A Violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei n° 9.610 / 98 e punido pelo artigo 184 do código penal.

Edição: Independente/ Primeira Edição

Obra: Secretos – O Início

Autor: Jandui Felipe

Diagramação: Jandui Felipe

Capa: Jandui Felipe

Revisão: Marli D.H.F. / Jandui Felipe

Capítulo 1 – Aldeia Turvalina

A aldeia Turvalina ficava a cerca de 500m de Foresty Only, na ala Sul do país Okala, no meio da mata fechada. O lugar parecia mágico, quase que perdido, era habitado por um povo místico concentrado em bruxaria verde, porém, existiam também praticantes de outras bruxarias pela aldeia.

Os habitantes de Turvalina eram chamados por muitos de curandeiros. Atendiam quase sempre os muitos que vinham de Foresty Only e Silverstone, em busca de algum medicamento natural, ou poção mágica, feita pela maior das bruxas da aldeia: Katrina Danila.

A aldeia era simples, porém aconchegante. O chão de sua ruazinha principal era de terra, e levava ao interior da aldeia, onde ficavam as pequenas casas. Esta ruazinha era toda coberta por árvores que floresciam ao amanhecer, espalhando uma fragrância única pela manhã, tornando o lugar mágico a cada passo.

No interior da aldeia, que possuía uma forma arredondada, encontrávamos essas poucas casinhas. Um verdadeiro paraíso a céu aberto. Repleta de árvores frutíferas e pássaros, que cantarolavam um som inquieto, como se estivessem conversando uns com os outros incansavelmente.

Flores? Existiam de todas as qualidades, mas as orquídeas eram as que predominavam, sem falar da enorme cachoeira que desaguava no rio das águas virgens. A aldeia também mantinha seus mistérios pelas belíssimas cavernas e grutas que continha.

No ano de 1215, tudo mudou na aldeia Turvalina. A maior de todas as bruxas estava apaixonada, e naquela noite de primeiro de janeiro, ela recebeu uma notícia; seu amado, com quem ela sonhava em casar e terminar de criar suas filhas ainda adolescentes; havia sofrido um assaltado no caminho de volta enquanto cavalgava até a aldeia. Um golpe de facão em suas costas... E ele não resistiu.

Alguns amigos da bruxa o trouxeram até ela, deixando seu corpo em seus braços. Já era noite, e inconformada, Katrina chorava, enquanto uma tempestade desaguava sobre ela na varanda, com o corpo de Ciro morto em seus braços. Uma de suas filhas se aproximou, colocando-se debaixo da chuva.

— Mãe! Por favor, entre. Está chovendo. Vamos levar o corpo do Ciro para dentro, você

não pode ficar aqui fora. Temos que ajeitar o velório dele. — A menina se chamava Mirna, era doce como um anjo, um olhar azul e cabelos lisos com cor de nuvens e uma pitada de sol, compridos até a cintura, características que herdara do pai que nunca conheceu.

— Me deixe aqui com ele, Mirna! Me deixe! Eu só preciso ficar aqui com ele mais um pouco! — As lágrimas de Katrina eram de uma dor muito profunda, ela realmente o amava. Mirna não insistiu. Atravessou a porta se chocando com a irmã, que mordia uma maçã, a garota, nada amigável, como sempre. Cristine tinha longos cabelos negros, olhos castanhos e pele clara, um andar de serpente, totalmente avessa a irmã. Parecia-se com Katrina na aparência física, muitos até juravam que ao invés de mãe e filha, eram irmãs.

— Que susto Cristine! Você e sua velha mania de ficar ouvindo pelos cantos! — Bufou assustada, Mirna.

— Ela não vai entrar? — Um tom de voz de pouco caso.

— Ela não quer entrar. O que posso fazer? Está sofrendo... Ela realmente o amava! — Mirna se compadecia de sua mãe, enquanto Cristine parecia não sentir absolutamente nada pela situação.

— Se eu fosse dona Katrina, estaria dando graças aos Deuses! Esse tal de Ciro não tinha onde cair morto. Nem bonito ele era! Não sei o que ela viu nele, sem falar naquele violão... — Cristine, bufando. — Quando aquele homem começava a cantar. Aff! Que coisa chata!

— Fala baixo Cristine! Quer que ela te escute? Você não tem jeito mesmo né, minha irmã! O que você tem no peito? Nossa mãe estava feliz! — Mirna indignada com as palavras de sua irmã, que era uma jovem amarga, e ambiciosa.

— Mirna, ela não estava feliz. Estava cegamente apaixonada, é diferente. Paixão deixa a gente cega, você não sabia disso? — Cristine sempre tinha um veneno extra para destilar.

— Não vou mais discutir com você Cristine. Vou subir, e não chega perto daquela varanda. Deixa a mãe em paz com a dor dela. — A Jovem Mirna se direciona para o quarto que ficava no andar de cima, enquanto Cristine caminha até o vidro da porta, mordendo sua maçã, com um ar de riso, assistindo sua mãe se debulhar em lágrimas e dor, descontrolada, com o corpo de Ciro no colo. *— Bem feito — Ela pensa. — Se ele não tivesse morrido, eu mesma teria que fazer isso!* — Logo em seguida, engole o último pedaço da maçã e se direciona para quarto, onde Mirna permanecia sentada na cama a repetir um mantra. Arruma a cama, e se deita para dormir.

—Você vai dormir? — Pergunta Mirna, bastante irritada com a atitude da irmã.

—E por que não iria? Não me irrita, Mirna. Me deixe dormir!

— A sua mãe está precisando de você!

—De mim? Tem certeza? Quem ela quer, está lá com ela! Boa noite Mirna! — Vira-se para o lado, assopra a vela, que iluminava a cabeceira.

— Sua energia está pesada Cristine! Sua áurea está negra! Não entendo como pode ser assim?

—Me deixe dormir Mirna! A energia é minha e não sua, então se mete na sua energia, ok? — Mirna movida pela raiva, sai do quarto batendo a porta, e vai novamente em direção a varanda, e quando chega, a mãe, e o corpo de Ciro, haviam sumido.

—Cristineeee! — Ela grita desesperada.

—O que está acontecendo aqui Mirna! — Cristine responde para a irmã, da sacada da escada.

—A mãe sumiu!

Cristine desce as escadas depressa, e nota que o barulho da chuva ainda era intenso. Encosta o rosto no vidro da porta junto ao de Mirna.

—Onde pode ter ido com essa chuva?

—Não tenho a menor ideia! E como ela carregou o corpo de um morto? Não deve ter isso muito longe!

Intrigada, Cristine corre até os fundos do casebre e logo nota que a velha carroça havia sumido, ela retorna até a varanda onde encontra Mirna com uma expressão distante.

—Está explicado! Ela levou o corpo dele na velha carroça!

—Empurrando? — Mirna rebate surpresa com atitude da mãe.

—O que acha, ela vendeu nosso cavalo! — Cristine relembra nada feliz do fato.

—Onde ela teria ido empurrando Ciro em uma carroça? — Mirna permanecia intrigada, porém de certo modo confiava em sua mãe.

—Vamos entrar Cristine, ela deve saber o que está fazendo.

—Sei não, seja lá o que for não ligo, dona Katrina que faça o que quiser com o corpo daquele traste. — Cristine deu de ombros passando por Mirna em direção as escadas.

A chuva agora diminuíra, mas a aflição de Mirna aumentava a cada minuto, entrou intrigada logo depois de Cristine, foi até a cozinha fazer um chá, seria impossível dormir essa noite.

Capítulo 2 – Enrascada

Passaram-se dois dias, e katrina ainda não tinha voltado para casa. Mirna atendia uma moça, que viera buscar um chá para curar uma peste que assolava sua família.

—Essa erva deve resolver. — Mirna entrega as ervas, a mulher. — É o mais forte que temos, muito eficaz para baixar a febre. Não se preocupe sua irmã ficará bem.

—Obrigada Mirna! Que pena que Katrina não está. Gostaria de fazer umas perguntas a ela. — Mirna respira fundo, sua preocupação volta, assim que a mulher toca no nome de sua mãe.

—Da aproxima vez que você vier, com certeza ela vai estar aqui. Não se preocupe eu falo que você veio. — Mirna a acompanha até a porta.

—Obrigada Mirna, você é um anjo!

—Vai em paz querida!

A porta se fecha, e Cristine entra esbaforida pela mesma porta, que há instantes, havia se fechado.

—O que houve Cristine?

—Sua mãe deve estar completamente louca! — Cristine berrou.

—Ei! Olha como fala. Ela também é sua mãe!

—Sabe que odeio quando ela some assim! Você não se perguntou nem por um momento, por que tem dois dias que ela não volta para casa?

—Claro que sim. Sei que quando dona Katrina some assim, ela está desenvolvendo uma nova bruxaria, é sempre assim. Mas desta vez eu acho que ela está chorando seu luto, sozinha, e buscando forças nos elementos, procurando equilibrar-se, de alguma forma. Ela estava sofrendo muito com tudo isso. Se conheço a minha mãe, deve estar no meio da mata, fazendo rituais de purificação e restauração.

—Ela foi vista no cemitério. —Dispara Cristine, nervosa.

—Claro! Deve ter feito o enterro de Ciro. Conheço minha mãe. Ela não gosta de dividir a dor.

—Foi vista no cemitério depois de ter ido até a choupana de Crielza. — Mirna, que guardava as novas ervas que preparara pela manhã nas vasilhas, deixou-as cair ao chão, e encarou Cristine, incrédula.

—Na choupana da velha Crielza!? Não pode ser. Mamãe é totalmente avessa à bruxaria de Crielza... Ela nunca, nem se quer concordou que ela morasse em nossa aldeia.

Três batidas na porta interromperam a conversa das irmãs.

Mirna encara a porta, e se assusta, ao ver cinco forasteiros, e entre eles uma garota. Eram jovens, e o que batia na porta, tinha os cabelos loiros bem claros, caindo nos ombros e olhos verdes amarelados. Cristine se aproxima, abrindo a porta antes que Mirna, temerosa, não atendesse aos forasteiros.

—Boa tarde, senhoritas. Meu nome é Pétrus, e esses são meus amigos: Joice, Frederik, Eliote e Fresnus! Estamos viajando há alguns dias para chegar até Turvalina. Sabem onde fica a cachoeira? Ouvi dizer que é livre para tomarmos banho. Somos amantes da natureza.

Os cinco amigos carregavam um monte de parafernálias, enormes sacolas que deveriam estar ocupadas com panelas, roupas, lençóis e alguma comida. Pareciam viver como nômades e era notório que não tomavam banho há dias.

—Olá! Boa tarde! — Diz Mirna se aproximando e apertando a mão do rapaz. — Somos Mirna e Cristine. A cachoeira fica nessa direção. — Mirna atravessa a porta e aponta a rua no sentido a sua frente. — Andarão alguns quilômetros, mas o caminho é esse, logo quando chegarem verão o rio águas virgens, e seguindo mais a frente, acharão a cachoeira.

—Obrigada! — Agradece delicadamente, Pétrus, e em seguida, seguem a passos lentos, observando cada detalhe da aldeia.

Mirna retorna à sala e percebe que Cristine estava ansiosa com o assunto que tinha para falar.

—Esse pessoal me interrompeu bem na hora que eu ia dizer uma coisa importante. — Continua, Cristine.

—Me conta de uma vez!

—Mamãe não está se ligando com os elementos, ou se curando do luto. Ninguém procura Crielza para fazer coisas que já sabe fazer. E como você sabe, aquela bruxa é submersa na magia negra. Mamãe não foi ao cemitério enterrar o corpo do Ciro. Ela o quer de volta. Foi buscar terra de cemitério, que é parte dos elementos necessários para um feitiço muito perigoso, o qual ela não tem experiência nenhuma para fazer!

—Cristine Danila... Como você sabe disso?

—O Paco. Sabe aquele loirinho? Ele é aprendiz da Crielza. Ele tem uma queda por mim, então por um beijo, ele me entregou tudo.

—Cristine!!! Magia negra?! Não posso crer nisso! Ela sempre foi absolutamente contra este tipo de magia! Mas o que mamãe pretende com isso? Ela perdeu a cabeça?!

—Sim. Ela perdeu a cabeça por aquele maldito do Ciro, que nem onde cair morto tinha. E agora está preste a fazer uma besteira. Eu só não sei como esse feitiço será feito... Por essa informação, o paco queria mais que um beijo. — Cristine, com um sorriso malicioso nos lábios.

—Temos que procurar por Crielza! Precisamos impedir, seja o que for... E, como for... — Mirna, já em desespero.

—Não conte comigo. Não quero que as besteiras que dona katrina faz, respinguem em mim.

—Cristine isso não é brincadeira. Qualquer feitiço ensinado por Crielza, coisa boa não é. Se você não quer ir, então vou eu! Alguém tem que fazer alguma coisa.

—Tente a sorte! Estou de saco cheio desse romance da mamãe. — Diz Cristine jogando a cabeça para trás em uma risada debochada. — Boa sorte, maninha.

Mirna arranca o avental, atravessa a porta, notando o laranja, que já se espalhava no céu. Era quase noite, e por conhecer a fama da velha bruxa, sabia que os encantos dela se davam à meia noite.

Se apressava o máximo que podia, ansiosa por alcançar a moradia de Crielza.

Capítulo 3 - Inaceitável!

Pétrus e seu grupo de amigos, caminhavam já há algum tempo, quando finalmente avistaram o rio das águas virgens.

— Que belo lugar! — Diz Joice, assentando sua bolsa no chão, e se espreguiçando lentamente.

—Podíamos passar um tempo aqui! — Completa Eliote, também assentando sua bolsa no chão.

—Por que não? Vamos achar um lugar mais adequado. Também gostei daqui. — Pétrus conclui, averiguando o lugar.

—Primeiro queria dar um mergulho nesse riacho. — Se anima, Joice.

—A água é tão cristalina... E com esse calor, seria maravilhoso. — Fresnus sente a água do riacho em seus pés, e sorri com a sensação que aquilo lhe traz.

—Calma aí pessoal! Estamos bem perto da cachoeira, vamos adiante. Tomamos um banho decente, e procuramos um lugar para acampar, depois mergulhamos tranquilos. — Se adianta Pétrus, e torna a guiar o grupo.

—Certo. Você tem razão. — Concorda Joice. — Preciso de um banho decente.

Os amigos seguem para cachoeira. Estavam maravilhados com a simetria do lugar. A menina se encantara com cada uma das flores, impecáveis em sua perfeição. O lugar era tão mágico e verde, que nada de ruim poderia acontecer. Estavam felizes com a visita em Turvalina, se sentiam seguros, como não se sentiram em nenhum outro lugar.



Mirna chega à casa da bruxa, cansada e ofegante, constata que o casebre era esquisito e amedrontador.

—Não sei por que a mãe vendeu nosso cavalo... Precisamos de outro com urgência!

Bate palmas em frente ao portão do casebre, obscuro e quieto. Um corvo pia no alto do telhado, e seu bater de asas a assusta. Logo uma voz ultrapassa os ombros de Mirna:

—Ela não está em casa!

—Aí que susto! — Bufa Mirna ao encarar Paco. O garoto, de olhar sombrio, e uma aparência desleixada, fez Mirna pensar em como Cristine pôde tê-lo beijado.

—Oi. Você deve ser o Paco! Eu sou irmã da Cristine.

—Deve estar querendo uma informação... Acertei? — Ele se aproxima, com um jeito bem atirado.

—Na verdade sim. Mas eu queria falar com a bruxa Crielza.

—Como já disse, ela não está. Mas se quiser posso te contar alguma coisa.

—Já vou logo dizendo que não vou beijar você! — Dispara Mirna, se afastando do rapaz nada cheiroso.

—Fique despreocupada. Você é boa demais para mim. Me atraio por corações obscuros, e isso você não tem. Vamos dizer que você poderia... Quem sabe... Me aproximar da sua irmã?

—Cristine?

—Sim. Ela sim... Tem tudo que precisa para se corromper com a malignidade.

—Acho que você está enganado. Tudo bem, que Cristine tenha um gênio forte, mas ela ainda é uma bruxa verde, seu coração não é obscuro. — Mirna possuía bons olhos com sua irmã.

—Como você é ingênua, Mirna. Sua irmã é tão obscura quanto a sua mãe.

—Não fala assim da minha mãe! — Alterava a voz irritada.

—É pegar, ou largar!

Mirna pensa alguns instantes, e mesmo que não fizesse nada, teria que dizer que sim. Ela precisava da informação que foi buscar.

—Certo! Eu posso falar com ela... Pedir para que encontre você. — Mirna pareceu convincente.

—Assim que se fala. Mas não esqueça que romper um pacto com um bruxo negro, pode te custar a vida, curandeira! — Paco sorri, maquiavélico, encarando Mirna.

Malditos bruxos negros! — Bufa Mirna, em pensamento.

—Conheço as regras Paco! E então, vai me falar onde está Crielza? — Mirna, direta, sem nenhum tempo a mais, para perder.

—Ela ensinou para sua mãe um feitiço, muito perigoso, e esqueceu-se de passar o ingrediente principal. Saiu apressada para levar para ela. O feitiço acontecerá à meia noite, no riacho das águas virgens. Neste momento ela deve estar em preparação, na gruta, atrás da cachoeira.

—Então a esta altura, encontro as duas na gruta da cachoeira. Certo?

—Provavelmente, sim.

—Então obrigada, Paco.

—Obrigada não! Quero que cumpra o trato. — Insistente, olha fixo, levantando o queixo. — Acho que deve saber que curandeiros não são páreos para bruxos negros!

—Não se preocupe. Cumprirei. — Responde Mirna, apertando o passo.

Mirna seguiu para cachoeira o mais rápido que pôde. Suas pernas estavam cansadas, mas não podia afrouxar seus passos. Ofegante, para de tempo em tempo para respirar, porém, ela precisa chegar a tempo de salvar Katrina. A noite já se apresentava sombria, as horas pareciam passar mais de pressa que seus passos.



O céu estava repleto de estrelas, tantas, que só uma escuridão como essas, poderia revelar. Talvez fosse possível ver uma constelação inteira, se parasse para observar. Mas, os cinco amigos, só tinham interesse, em um belo banho noturno.

Arrumam suas coisas próximas à cachoeira, e fazem uma enorme fogueira, para trazer um pouco de claridade a penumbra do lugar. Andam em direção ao riacho, e mergulham, aproveitando o máximo daquele paraíso perdido.

Capítulo 4 – Demônio do Sangue

Crielza era manca, e por este motivo, seus passos eram lentos e curtos, dificultando ainda mais que ela chegasse a tempo. No fundo ela não acreditava que Katrina seria capaz de prosseguir, sem o último ingrediente, e isso lhe dá certo conforto.

A lua está alta no céu e, o canto dos grilos, entrega a noite avançada. Katrina se direciona para cachoeira, arrastando o corpo de Ciro. O coloca sobre uma enorme pedra, e começa o feitiço, utilizando tudo que Crielza lhe ensinara: abre o círculo mágico com sua varinha, e sobre o corpo, deita um pentagrama invertido; despeja sobre Ciro terra de cemitério, e banha seu rosto com a água do riacho. Em um dado momento, ela crava o athame no peito de Ciro, bem no coração, e neste momento, ela tem que derramar sobre a ferida feita com o athame, o sangue de um animal noturno: fosse ele um morcego, ou um felino. Katrina nota que lhe faltava esse ingrediente, que era o último, porém, ansiosa, continua mesmo assim, dizendo as palavras na língua Secretriz, escrita no papel por Crielza, junto com o feitiço, que era pequeno, porém devastador.

Secretriz era o idioma do demônio que lhe concederia o seu desejo.

Franagon, enubium, elipson, Alacon – (Repetir por três vesez).

Forgon Ciro, elquione Secretriz, fradecim.

Terra da morte, água da vida, sangue noturno que ressuscita.

Levanta Ciro, do mundo dos mortos, levanta secreto com alma remida.

Crielza não consegue chegar a tempo de entregar o sangue do animal noturno... O feitiço estava incompleto, mas katrina insiste, sem maldar as drásticas consequências.

As águas do rio se levantam em ondas gigantescas, jogando katrina contra uma enorme e pontiaguda pedra da cachoeira. Ela bate com a cabeça, quebrando o pescoço. Sua morte foi instantânea e quase imperceptível.

O corpo de Ciro foi tragado pelas águas que se movimentavam diabolicamente, e um ser, coberto de noite, com uma risada maléfica e dentes pontiagudos de todos os formatos, se levanta, espalhando terror.

Crielza que já se encontrava na cachoeira assistira ao momento trágico da morte de Katrina e agora presenciava o horror que se tornara o rio das águas virgens.

—Droga não deu tempo!

—O que está acontecendo aqui? Onde está minha mãe? — Grita Mirna, que chega minutos depois que Crielza.

—Eu estava trazendo o sangue do felino para encerrar o feitiço, mas Katrina... Katrina o fez sem o ingrediente... Agora ela deixou o demônio do sangue furioso. Este demônio tem que receber a oferenda de sangue, senão ele se vinga impiedosamente, vindo buscar o sangue de quem fazia o feitiço.

—E onde está minha mãe? — Mirna, petrificada pelo que via.

—Temos que sair daqui! — Grita Crielza, tentando arrastar Mirna pelo braço.

—Não! tenho que levar minha mãe! —Mirna insiste, agoniada.

—Sua mãe está morta Mirna. Eu a vi morrer! O demônio a matou. Vamos fugir!

Mirna e Crielza fogem pela mata, mediante o horror que o demônio proporciona. Mirna ajuda Crielza a correr. O pavor dominara as duas que percorrem o caminho, tomadas pelo medo, em meio à escuridão, que parecia não ter fim.

Os gritos do demônio eram assustadores, e Mirna, a cada segundo, parece não acreditar nas atrocidades que estavam acontecendo em Turvalina.

Depois de algum tempo percorrendo o caminho de volta, o casebre de Crielza está bem à frente delas. Mirna nunca ficara tão feliz de ver aquela velha casinha assombrada. Ofegantes e muito cansadas, se sentam na varanda.

—Você vai me dizer o que está acontecendo de uma vez? — Mirna irritada, dispara, sem fôlego.

—Eu não deveria... Mas sua mãe está morta! Então, eu não vou estar quebrando nenhum juramento que tenha feito com Secretriz. — Crielza puxa o ar, e tenta explicar para Mirna.

—Desembucha logo!

—Katrina queria trazer Ciro de volta... E só existe um demônio capaz de fazer isso. O Secretriz. Um demônio que se alimenta de sangue, e concede desejos entre a vida e a morte. Ele tanto pode trazer alguém de volta a vida, como pode trazer a morte para alguém, sem que ela morra: A imortalidade. Porém, para a pessoa se manter ativa; se é que podemos chamar de pessoa; tem que se alimentar de sangue como ele. O Secretriz também pode conceder poderes para aqueles que ele prende na linha da morte-vida, deixando esses seres poderosos como ele. Ele tem um idioma próprio, e é o demônio mais poderoso que já existiu.

—O que você está me contando? Isso é impossível! Seres mortos-vivos que se alimentam de sangue e se tornam poderosos?!

—Também tem outro nome, se preferir... Vampiros!

—Vampiros?! — Mirna repete, sem ter a menor intimidade com a palavra.

—Então... Minha mãe vai se tornar um vampiro?

—Não. Sua mãe está morta. Ela não deu a ele a oferenda do animal noturno, então ele tomou o sangue dela. Ele não presenteia quem o aborrece.

—Então, se ele é o demônio do sangue, que concede desejos entre a vida e a morte, e Ciro estava morto, ele voltará à vida como um vampiro?

—Para falar a verdade, ele voltaria sim. Se Katrina tivesse feito corretamente o feitiço. Ele traria Ciro de volta, mas ele seria um vampiro.

—E você explicou isso para minha mãe?

—Digamos que eu não posso explicar essa parte do feitiço. Logo, ela não sabia.

—Você não deveria ter feito isso! Ela não estava trazendo Ciro de volta, estava trazendo um pedacinho do demônio chupador de sangue para aldeia.

—As consequências seriam um problema dela. Tudo tem um preço na magia negra, querida. Por isso nem toda bruxa nasceu para exercê-la.

—Não posso crer nisso... O que minha mãe foi fazer? Ela sempre nos ensinou a não se meter com magia negra.

—O amor às vezes é um azar, menina! Sua mãe estava apaixonada, e passou por cima de tudo, sem verificar as consequências. Ela poderia ter interrompido o feitiço, mas seguiu em frente, ansiosa, e cega de amor. Nunca mais verá Ciro, e agora, sua alma está nas mãos do Secretriz.

A porta bate, e Paco entra assustado, na pequena sala de Crielza.

—Madame! O que aconteceu em Turvalina? Os moradores estão apavorados. O vento e chuva estão devastadores, e o rio das águas virgens está agitado, como jamais esteve.

—É a fúria do demônio do sangue, Paco. Vai durar algum tempo. Infelizmente não sei exatamente quanto. — Ela diz com tanta tranquilidade, como se fosse íntima dele.

—Eu preciso ir para casa. Cristine está sozinha e deve estar preocupada. — Mirna ensaiando sua saída pela porta da casinha monstruosa.

—Com essa tempestade? Acho melhor você passar a noite aqui.

—Oh não! Eu preciso ir para casa. — Mirna abaixa a cabeça, e suas lágrimas são inevitáveis. A ficha caíra. Sua mãe estava morta, nunca mais a veria novamente.



O vento e a chuva agora dominavam toda Turvalina, e a criatura maldita achara as vítimas que saciariam a sua sede, e fariam sua vingança.

Logo mais à frente, o grupo de amigos grita por socorro, quando um redemoinho arrasta todos eles para o fundo do riacho. O pavor era visível em seus rostos. O demônio do sangue morde covardemente um a um, bebendo o sangue de cada um deles. Seus corpos se debatem perdendo a vida aos poucos, transformando o rio em sangue. Em poucos minutos descem ao fundo do riacho, e as águas se acalmam.

Capítulo 5 – Os Secretos

O dia amanhece, e Mirna caminha cabisbaixa. A ausência de sua mãe era real, e para sempre...

Durante todo caminho, flashes vagam por sua mente, a fazendo se recordar do quão era bom tê-la por perto, de todos os ensinamentos... Nada a fazia se conformar que Katrina, tinha ido contra seus princípios por amor a um homem. — *Cristine estava certa, Ciro não valia isso tudo, não valia a vida dela*! — *Pensa, inconformada com o desfecho trágico da história de sua amada mãe.* Agora ela é só saudade, e Mirna não sabe como irá viver sem seu porto seguro.

Chegando em casa, encontra Cristine na varanda. Limpa suas lágrimas e conta tudo a ela.

—Mas como ela pôde ser tão burra assim?! Morrer por causa do Ciro? Idiota!

—Não fala assim, Cristine. Tudo bem, eu até concordo com você, mas ela estava apaixonada. Ela errou, mas foi tentando trazer ele de volta. Não a julgue mais, ela não está mais aqui Cristine, e nunca mais estará. — As lágrimas de Mirna retornam.

—Como ela pôde ter violado uma regra que ela mesma criou? Sempre nos ensinou a não se envolver com magia negra. Sempre! Ouvi isso durante dezoito anos da minha medíocre vida! Para depois ela ir até uma bruxa negra, e encomendar a morte dela por causa do Ciro? Chega! De hoje em diante eu vou seguir meus próprios instintos, se ela pôde, eu também poderei. Vou seguir a bruxaria que realmente eu desejo seguir. Mas não serei burra como ela.

—Cristine! Não faça uma coisa dessas! Estou te implorando! Não me deixe aqui sozinha! Não quero te perder também.

—Mirna, está pensando o quê? Que vou mimar você, como ela fazia? Eu sei que você era a preferida dela. Sei também que ninguém aqui nesta aldeia gosta de mim. Você sempre foi a perfeitinha, a queridinha... Está na hora de entender que eu não vou facilitar sua vida como a mamãe fazia. Não vou ser sua sombra, e bancar a irmã mais velha que anula sua vida para cuidar da irmã mais nova. De agora em diante cada uma por si!

—Cristine!!! Não é possível!! Você é sangue do meu sangue... Minha irmã! Minha única irmã!

—É hora de você crescer Mirna, e entender que a vida não é proteção.

—O que você vai fazer? — Mirna pergunta, enquanto Cristine entra no quarto para

arrumar suas roupas.

—Não é da sua conta!

A agressividade de Cristine leva Mirna, que têm apenas dezesseis anos, a exaustão. De uma hora para outra ela descobre que sua mãe está morta, e que sua irmã a odeia, por inveja. Ela se sente muito sozinha e chora, imersa em sua solidão.

Cristine caminha até o jarro, que fica na estante das ervas, onde Katrina guardava o dinheiro que ganhava com suas consultas, e o esvazia, levando tudo. Bate à porta sem ao menos se despedir de Mirna, a deixando sem nenhum tostão.

***

Quando a noite chega, um movimento estranho acontece nas águas virgens: elas se agitam e borbulham, e de repente, os cinco amigos que se afogaram na noite passada, emergem as águas, ainda estavam com as mesmas roupas, mas, os olhos vermelhos, denunciavam que alguma coisa havia acontecido. Um semblante de morte permeava uma pele pálida, e o caminhar era sombrio e veloz. Os cinco amigos parecem obedecer a um comando e caminham mata adentro, sabendo exatamente aonde ir. Chegam à casa de Crielza, em segundos, com uma velocidade inacreditável. A velha bruxa dormia em uma cadeira de balanço, no casebre empoeirado, repleto de caveiras de animais na parede. Quando ela abre os olhos, seu grito de pavor, acorda Paco, que dormia em um velho sofá na varanda. Crielza encara os cinco amigos, incrédula. Seus olhos percorrem ao homem que estava a frente dos outros, cabelos loiros molhados na altura dos ombros, uma expressão sombria e rígida, imóvel e no punho uma tatuagem: "Anceliz Secretrys".

—Não posso crer! — A bruxa se coloca de pé esfregando os olhos. Vocês são...

—Ciquerium Amogeon Secretryz! — Pétrus conclui para Crielza — *Cinco amigos do Secretryz!* — Traduz calmamente.

—Vieram a mando dele? Do Secretryz? O que querem de mim? Não tenho culpa de nada! — Ela reconhece o idioma e rapidamente tenta tirar o corpo fora.

—Cale a boca! — O mesmo ser fala com ela, agora a suspendendo no ar, pelo pescoço. — Eu sou Pétrus Elipse, e esses são meus amigos. Morremos na noite passada e simplesmente acordamos esta noite, e saímos daquele maldito riacho. Ele nos tirou a vida e nos devolveu uma outra que por sinal é muito melhor. Somente eu acordei falando. Meus amigos não podem mais falar, mas possuímos poderes que não imaginamos que pudessem existir. Ele, o demônio do sangue, nos acolheu e nos mandou aqui.

— Por que ele mandou vocês aqui?

—Ele quer que, nos entregue todos os livros que possui sobre ele.

Paco analisa tudo da janela, do lado de fora, e pensa em uma estratégia de atacar os seres, que invadiram a casa. Pensa em atear fogo, mas queimaria a casa; pensa em cortar suas cabeças com uma foice, mas lembra de que não tinha força suficiente e nem a foice. Então se lembra do ácido, e caminha sorrateiro até as bugigangas no fundo do quintal para pegá-lo.

Dentro da sala, Pétrus continua:

—Ele quer que você nos entregue todos os livros que ensinam sobre quem nós somos, quer que estudemos sobre ele, e sobre nós.

—Vampiros. Certo? — Ela pergunta incrédula mais uma vez. Tudo que estudara sobre estes seres; que somente conhecia nos livros do Secretrys; se apresentava bem diante de seus olhos... E eram bem reais.

—Acho que não preciso confirmar. — No mesmo instante em que Pétrus fala, seus olhos brilham em um intenso vermelho, e seu sorriso de navalha, mostra-se para Crielza, que fecha os olhos de pavor.

—Calma. Por favor... Não me façam nada. Eu vou dar todos os livros que tenho sobre o Secretryz. — A mulher afasta-se dos seres à sua frente.

Crielza sobe na escadinha que lhe dava acesso ao terceiro andar de seu acervo de livros, e da prateleira empoeirada, retira cerca de oitos livros. O demônio do Sangue era a entidade que Crielza mais gostava de estudar, e servir. Ela sabia tudo sobre ele, menos uma coisa...

—Está tudo aqui. Meu melhor acervo sobre o demônio do sangue.

—Ótimo! Obrigado, Crielza. Desculpe-me, mas tem só mais uma coisa que ele nos mandou fazer... — Pétrus diz se aproximando, quando Paco grita, pulando pela janela com um balde de ácido na mão, e o joga na direção de Pétrus, que se abaixa velozmente, e imediatamente se levanta, com seus caninos afiados, e uma expressão raivosa. O encara com olhos carmim. Enfurecido, ele parte para cima de Paco, o pegando pelo pescoço.

—Como ousa moleque? Aspirante a bruxo. Covarde, e mau caráter. — Ele diz, enquanto analisa a mente de Paco. — Não fará falta nenhuma! — Pétrus o entrega nas mãos de Fresnus que o divide com os outros, fazendo dele um banquete, descontrolados e recém-nascidos, os secretos o sugam impiedosamente em meio aos seus gritos de pavor, e em poucos segundos o corpo de paco desfalecia até a última batida do coração. Os vampiros se levantam satisfeitos enquanto Pétrus pega Crielza novamente pelo pescoço, com uma das mãos.

—Desculpe, mas ele mandou dizer que não precisa mais dos seus serviços. — Crava os

dentes na jugular de Crielza, sugando até a última gota de sangue, a mulher se debate em suas mãos até que não sobre nem se quer um resquício de vida. Pétrus estava descontroladamente assassino em sua primeira vítima, e viu o quanto aquilo era bom, sentia uma força subir por suas veias e tudo que queria era fazer isso mais vezes, descobrira que sangue matava sua sede e o mantinha poderoso, percebera que agora tinha uma vida nova e a cada minuto se fascinava com ela. Jogou Crielza no chão, a descartando como se fosse apenas o envelope de sua comida. Alimentados, os Secretos juntaram todos os livros e velozmente seguiram para a caverna onde habitariam e passariam algum tempo estudando sobre sua espécie.

O que Crielza não sabia, e não estava nos livros, era que, quando um feitiço feito para o demônio do sangue fosse concretizado de maneira errada, ele faria a bruxa que o praticou pagar, assim como a bruxa que o ensinou... E a paga, seria a própria vida...

Neste caso não bastava só matar Katrina, Crielza teria que morrer também. Por vingança, o demônio deu origem a uma raça chupadora de sangue, poderosa, que viveria de forma secreta como ele. Denominados secretos, como seu criador, esses foram os primeiros vampiros. Orientados pelos livros sobre a espécie, deveriam se manter em segredo, especialmente para evitar que fossem caçados.



Algumas horas depois, Cristine chega à casa de Crielza, pronta a se entregar como aprendiz. Encontra os corpos e a bagunça. Decidida a ficar, ela enterra os corpos no quintal, limpa a bagunça, e se instala na casa.

Com o passar dos dias, Cristine se aproveita do acervo vasto que Crielza possuía, em magia negra, e começa então a estudar e praticar tudo aquilo que realmente gostava dentro da bruxaria.

Os Secretos chegam até a caverna, onde fariam morada, carregando os livros. E estudam tudo sobre sua origem. Transformam a caverna em um lar aconchegante, onde ninguém jamais imaginaria que alguém pudesse habitar.

Pétrus percebe a quantidade infinita de poderes, que haviam adquirido na noite fatídica, no rio das águas virgens: além de falar o idioma do Secretryz; o único idioma que agora seus amigos entendiam; ele também podia aprender outros idiomas com uma facilidade incrível. Entre outros poderes, adquiriu uma superinteligência, que fazia dele o líder.

Pétrus não conseguia achar respostas para a mudez dos seus amigos, que a partir de agora, seriam seus irmãos, mas presumiu que Secretryz o escolheu como líder, e tirou dos outros a fala, para que não houvesse divergências entre eles, e assim, Pétrus se envaidece e ocupa seu

cargo com livre arbítrio, para reinar como quisesse.

O demônio somente falou com Pétrus e os outros secretos uma vez, e depois disso ele nunca mais habitou as águas virgens.

A aldeia Turvalina continua a mesma, povoada pelas curandeiras, como eram chamadas as bruxas verdes, algumas outras espécies de bruxas e agora também por vampiros poderosos. Mirna continua o trabalho de sua mãe na bruxaria verde, e passa a viver sozinha, na casa, que um dia foi de sua mãe, e de Cristine. Sua irmã se aprofunda em magia negra, ocupando o lugar de Crielza na aldeia, e com o passar dos anos, acaba se tornando a bruxa mais odiada e temida do lugar.

Os secretos, durante a noite, passeiam em forma de morcegos, assustando o povoado que se recolhe imediatamente, sabendo do que se trata. Alguns anos mais tarde, Pétrus teve uma ideia, e começou a colocar em prática: ele descobriu em um dos livros que sua mordida poderia ampliar a espécie, e formar mestiços de humanos com vampiros, lhe concedendo alguns de seus poderes, e povoando Okala com a espécie. Não pensou duas vezes, e formou o primeiro vampiro, em uma de suas caçadas noturnas ele conheceu um jovem e decidiu transformá-lo entregando a ele, uma missão: povoar e liderar Forest Only.

O primeiro vampiro mestiço criado falhou, sendo capturado e morto por um caçador, porém deixou uma cria que seguiu firme com a missão. Dentro de alguns anos Pétrus teria conseguido parte de seu plano e as quatro grandes cidades de Okala já haviam sido parcialmente povoadas e lideradas por vampiros. Os Secretos seguiam em anonimato, somente os líderes dos clãs sabiam de sua existência para a segurança da espécie. E foi exatamente assim que tudo começou.

Fim.

Contatos da Autora



Facebook: Jandui Felipe

Fanpage:@JanduiFelipeAutora

@RenunciadeSangue

@Jandesignergrafico



@JanduiFelipe



@jan.felipe

Outros livros e contos da autora no Amazon



Contos Sobrenaturais

O Demônio da colheita

Renúncia de Sangue

Vingança de Sangue

Roby, Talissa, Amor & Música.